

## SARAU: A arte como processo da construção identitária do adolescente

Lucas Glasner Pessoa (autor)<sup>1</sup>; Artur Davies Alves Muniz (co-autor)<sup>2</sup>; Carlos Calebe Afonso Ferreira Pinheiro (co-autor)<sup>3</sup>; Gabriel Luiz Barbosa Teixeira (co-autor)<sup>5</sup>; Maria Teresa Barros Falcão Coelho (orientadora)<sup>6</sup>.

<sup>1</sup>Faculdade Pernambucana de Saúde; [lucasgpessoa11@hotmail.com](mailto:lucasgpessoa11@hotmail.com) | <sup>2</sup>Faculdade Pernambucana de Saúde; [daviesartur@gmail.com](mailto:daviesartur@gmail.com) | <sup>3</sup>Faculdade Pernambucana de Saúde; [calebeafonsof@gmail.com](mailto:calebeafonsof@gmail.com) | <sup>4</sup>Faculdade Pernambucana de Saúde; [g Luizbteixeira@gmail.com](mailto:g Luizbteixeira@gmail.com) | <sup>5</sup>Universidade Federal da Paraíba; [prof.teresafalcao@gmail.com](mailto:prof.teresafalcao@gmail.com)

**Resumo:** A escola é um ambiente de construção, de conhecimentos e de diversas relações interpessoais que influenciam a constituição da identidade. Numa sala de aula do 9º ano de uma escola de referência na cidade do Recife-PE, campo de prática da Faculdade Pernambucana de Saúde, foi observado uma dinâmica escolar influenciada pelo ensino tradicional, com verticalização da relação professor-aluno caracterizada por pouco espaço para fala, acarretando, na maioria das vezes, uma não utilização da criatividade no processo de aprendizagem do educando, o que repercute, de certa forma, na construção de sua identidade. Essa formação de identidade que perpassa toda a fase da adolescência terá uma estrita ligação com as relações interpessoais desse adolescente dentro do seu ambiente escolar, de sua posição ativa dentro da sala e de sua produção como sujeito, que é intermediada pela criatividade (aquilo que ‘eu’ produz se torna aquilo que é parte de ‘mim’ no mundo). Com a identificação dessa demanda, foi realizada uma intervenção intitulada "Sarau Paulo Freire - Um Local Para Existir", consistindo em um encontro no qual os participantes compartilharam suas manifestações artísticas independente do formato, criando, assim, um ambiente onde a criatividade pudesse emergir como forma de expressão do ser, facilitando o crescimento do eu e favorecendo o processo de construção da identidade do adolescente.

**Palavras-chave:** Educação, Arte, Adolescência, Identidade.

## INTRODUÇÃO

Permeia, na vida do adolescente dentro do contexto escolar, a construção de sua identidade e, com isso, a necessidade de se afirmar dentro do grupo de iguais onde ele se encontra (VERISSIMO, 2002). A adolescência é um período de transição entre a infância e a vida adulta (EISENSTEIN, 2005). Dessa forma, ela é responsável por introduzir o sujeito às questões sociais, políticas e sexuais que irão repercutir na sua forma de ver e de se colocar no mundo, desenvolvendo sua identidade.

A identidade no mundo moderno pode ser entendida como uma construção histórica e fragmentada (HALL, 2006), ou seja, o sujeito será composto por diversos tipos de identidade, como por exemplo, a profissional, que será abordada mais adiante. Esse processo identitário trazido por Hall, considerando as diversas projeções das identidades culturais, se tornará no sujeito atual mais provisória, variável e problemática, o que coincide (ou até mesmo incita) a crise de identidade presente no adolescente, que pode ser interpretada pela luz da teoria do desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson.

Erikson debruçou-se a entender - entre outras questões - a construção da identidade do adolescente e as repercussões dessa fase. Ele irá chamar essa fase de 'fase da identidade x confusão de identidade', caracterizada por um momento de crise, recheada por dúvidas como "O que sou?" e "O que quero ser?" (RABELLO & PASSOS, 2008). Essas dúvidas são ocasionadas pela divisão do mundo adulto e do mundo infantil, pelos lutos de perder os pais da infância, o corpo infantil e a identidade infantil, que o levarão a uma dicotomia entre desempenhar novos papéis da adultez e permanecer com alguns papéis infantis, a fim de se encaixar em alguma área e exercer determinado papel social. Para Erikson (1987), é na adolescência que surge o processo do envolvimento ideológico, pautado nesse esforço do indivíduo em atender certas expectativas da sociedade, e será também no decorrer do processo de construção da identidade que o adolescente precisará sentir que determinado grupo apoia suas ideias, configurando no processo de construção da sua identidade.

O mesmo autor afirma ainda que esta será pautada em três áreas básicas que permeiam a vida do sujeito: a sexual, a profissional e a ideológica. Essas três vertentes contemplam a vida do adolescente e são vivenciadas durante o período escolar. A sexual, sendo influenciada pela convivência com as diferentes pessoas ao seu redor e a descoberta da sexualidade - comum a esta faixa etária. A profissional, construída a partir dos processos de aprendizagem, do ensino e dos sonhos profissionais que a

escola, a família e os amigos vão propor. E a ideológica, caracterizada pelas relações externas do indivíduo, repercutindo nos seus processos internos, fazendo com que ele se posicione e se diferencie no seu meio e entre seus pares, a partir da identificação com determinado grupo de amigos e da diferenciação de outros. Esse movimento de intercâmbio entre os pares é imprescindível para a constituição da identidade do adolescente. O ser humano, por ser inseparável das suas relações, cresce e se desenvolve a partir dessas interações. Erikson irá dizer que *“o adolescente, em permanente reconstrução interna, deve acompanhar a reconstrução do mundo e posicionar-se”* (citado por SUÁREZ, 2005, p. 33), ressaltando que ele necessita estar seguro para que este ato ocorra.

Numa visão tradicionalista de ensino, o aluno é apenas um recipiente de informação, o que implica na sua não colocação dentro de sala de aula (PATTO, 1997). Então, dentro do ambiente escolar tradicional, como posicionar-se no mundo - de forma segura - e ter o apoio dos pares, se há poucas possibilidades dentro do cotidiano da educação ‘bancária’ tradicional?

Partindo então destas considerações, estudantes da graduação em psicologia da Faculdade Pernambucana de Saúde, possuindo como campo de estágio prático uma sala do 9º ano do Ensino fundamental numa escola de referência da cidade do Recife, propõem uma intervenção intitulada “Sarau Paulo Freire: Um lugar para existir”. Tal proposta se configurou a partir da observação da dinâmica da sala de aula, na qual existia uma demanda por voz caracterizada nas tentativas de falas dos estudantes durante as aulas de História, correlacionando os conteúdos da aula com as suas experiências do cotidiano, de relacionamentos, até questões de raça e preconceitos sofridos. São demandas sociais que não conseguiam ser debatidas e conversadas dentro da sala, já que há um horário a ser seguido e uma grade de conteúdo a ser cumprido por parte do professor. Ele, mesmo envolvido com os rigores da instituição, tentava debater e correlacionar os assuntos didáticos com as falas dos alunos que exprimiam sua singularidade.

Era claro que, mesmo havendo um esforço do professor, o sistema em si engessa o aluno - e até mesmo o profissional que ensina. Diante desse cenário de pouca possibilidade, Patto (1997) abordará o que Paulo Freire denomina Educação libertadora. Essa educação é, para ele, uma educação que promove diálogo entre o professor e o aluno, onde há uma exploração de temas sobre o mundo e que seja condizente com a realidade do mesmo. Ele propõe que haja uma problematização

sobre os temas a serem debatidos, o que, de certa forma, não ocorria dentro da sala de aula.

Então, a liberdade - dando a esta alguns significados - chegará para o aluno no momento em que ele for escutado, quando ele puder sair da carteira de estudo e se levantar contra um sistema de ensino que, de certa forma, o cala. Sistema esse caracterizado por relações verticais, onde o debate muitas vezes é pouco ou inexistente e o único espaço que sobra para o sujeito é aquele em que ele tem que assinalar 'A' ou 'B' numa prova. A educação libertadora será, então, o exercer da liberdade desse aluno, do respeito aos seus pensamentos e da criação de um ambiente em que ele possa colocá-los, como o sarau, por exemplo.

Carl R. Rogers (1902-1987), psicólogo americano e autor da Abordagem Centrada na Pessoa, também discutiu em seus escritos sobre a aprendizagem e a educação, ambas tendo o sujeito como centro de sua visão e a capacidade que o mesmo tem de desenvolvimento, chamado por ele de Tendência Auto-atualizante (ou tendência ao desenvolvimento). Capelo (2000) sintetiza sobre a teoria rogeriana: 1. Tem como concepção de homem alicerçada na corrente humanista; 2. A sua abordagem privilegia a experiência subjetiva da pessoa; 3. O seu pensar sobre a constituição do sujeito se daria a partir do encontro entre pessoas, e isso se aplica diretamente na maneira em como ele enxerga o ambiente escolar.

O contexto da sala de aula, observado na escola, tornou possível identificar algumas dificuldades como a do professor, por estar submetido à rotina institucional; e dos estudantes, ao estarem impossibilitados de se expressarem de maneira livre e criativa, onde suas colocações se resumiam a responder algumas questões (como testes). Neste cenário, pode-se pensar que a criatividade, tão necessária para o sujeito (mais especificamente o adolescente) se tornar cada vez mais ele próprio (ROGERS, 2017), estivesse bloqueada, já que havia impedimento de se colocar de forma livre, de relacionar com a sua vivência, de produzir algo que é seu e que é a sua impressão sobre o mundo em que vive. No ponto de vista de Rogers, proporcionar um ambiente dentro do contexto escolar em que o adolescente se identifique e possa ser quem ele é, se posicionar e, se for possível, sendo de forma livre e espontânea, irá favorecer a sua constituição psíquica. Com isso, o objetivo deste trabalho é expor a importância de ser proposto um ambiente que leve o aluno a se expressar autonomamente, fazendo uso, principalmente, de sua criatividade como expressão e constituição de si mesmo.

## MÉTODO

O projeto de intervenção foi construído ao longo de quatro encontros e foi realizado com trinta estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, com idade média de 14 anos. A metodologia utilizada foi a Problematização do Arco de Margueres que se inicia com observações e avança para problematizar a realidade observada, permitindo o pesquisador extrair e identificar os problemas existentes (BERBEL, 2011). A partir da análise das observações realizadas nos três primeiros encontros, foi proposto um sarau intitulado "Sarau Paulo Freire - Um Local Para Existir", consistindo em um encontro onde os participantes compartilharam suas manifestações artísticas independente do formato. O intuito do grupo ao propor o sarau aos estudantes foi o de possibilitar um ambiente onde a criatividade pudesse emergir como forma de expressão do ser e, com isso, fazer com que o adolescente se afirme em seu grupo de iguais (SILVA et al, 2016).

No primeiro encontro, pode-se constatar o aspecto tradicionalista da sala de aula e a pouca oportunidade de fala dos alunos, levando a uma reflexão de qual seria o papel da Psicologia neste contexto. Interessante notar que havia muita conversa paralela dos alunos a depender do assunto que era dado, mas que essa conversa diminuía no momento em que o professor articula o assunto com o contexto de vida deles, fazendo com que houvesse uma atenção maior. Todavia, o assunto tinha que seguir em frente e muitas vezes havia interrupções dessa dinâmica mais atrativa para os alunos.

No segundo encontro, mais uma vez, foi reiterada essa percepção sobre a demanda, essa vontade de falar e de explicar os assuntos de maneira que os alunos mesmos entendessem, de querer debater sobre os assuntos que lhes eram pertinentes. Nesse sentido, o conteúdo da aula deste dia dava brechas para alguns assuntos políticos, dando maior oportunidade de existir falas de todos os lados. Os estudantes se posicionaram e deram suas opiniões, mas não durou muito. A dinâmica escolar corria em paralelo à dinâmica dos alunos. Eles precisavam fazer revisão para o simulado, deixando de lado esses debates - que são tão necessários para o enriquecimento de um sujeito - para focar num teste. Deixando assim claro que o sistema de ensino muitas vezes se encontra falho quando o quesito é incitar o debate dentro de sala de aula e trabalhar as visões críticas daqueles que haveriam de participar; isso, por mais que o professor facilite o processo, ele ainda é submetido às regras institucionalizadas e por isso não consegue ampliar mais este espaço de livre

debate. Essa ‘dinâmica’ na escola ainda pode ser exemplificada pelo fato de eles se agitarem em determinados momentos. Ficar durante alguns minutos, sentado, enclausurado dentro de suas ideias e atrás de uma carteira de estudos, provavelmente leva a inquietação em alguns momentos.

Então, no terceiro encontro, depois de serem discutidas as questões sobre uma necessidade de maior tempo e de um espaço de fala e, além de tudo, um espaço onde eles poderiam sair desse ambiente de passividade supracitada, foi proposta a ideia do sarau para a sala. No mesmo momento houve uma agitação, sorrisos e comentários com o colega do lado. Quando foi explicada a ideia de que o sarau abarcaria todas as questões políticas e culturais que eles vivenciam no dia-a-dia e que isso seria feito da maneira que eles mais se identificassem - seja por pintura, desenho, poesia, dança ou música - eles manifestaram muita alegria. A troca de ideias entre eles, as perguntas que nos faziam sobre o que poderiam fazer e o que fariam, só nos mostrava que aquele era o caminho a ser percorrido. A possibilidade da criação dessas novas dinâmicas de interação deu a sala de aula uma nova organização. Aqueles que normalmente eram mais calados agora se manifestam mais. Aqueles que já eram agitados começam a se movimentar para procurar ideias junto com seus amigos sobre o que fazer.

No quarto e último encontro foi realizado o sarau, nomeado como “Sarau Paulo Freire”, onde as diversas expressões artísticas tomaram conta da biblioteca da escola. Alunos de outras turmas pararam para assisti-los. Gritos e inquietações agora eram remetidos à felicidade ao mesmo tempo em que havia uma ansiedade para que chegasse logo o momento de mostrar o que foi feito. Os momentos, intercalados entre os alunos – às vezes também repetidos – guiavam o clímax daquele lugar para um lugar que não iria mais ser o mesmo. Aquele lugar simbólico da biblioteca, lugar que remete a conhecimento, a aprendizagem, agora dava lugar a vida real, a vida vivida. As histórias que estavam nos livros deram lugar as histórias de verdade; de luta, de preconceito e, muitas vezes, de felicidade. O sarau, nada mais foi (e é) o que realmente aqueles que o fizeram queriam que fosse: Livre.

## **RESULTADOS/DISCUSSÃO**

Diante da participação dos estudantes no sarau, pudemos constatar que a proposta de subjetivar-se a partir de ações criativas se concretizou com as apresentações que foram elaboradas e realizadas por eles próprios. As apresentações

artísticas foram na forma de dança, desenho, canto, declamações e outros, onde houveram temas e assuntos dos contextos de vida dos adolescentes, como exemplificado nos discursos de que eles já haviam sofrido preconceito, sobre suas opiniões baseadas nas dinâmicas de sua comunidade, por exemplo; os levando a verbalizar parte dessas suas identificações. Uma das verbalizações foi através de uma declamação de uma poesia contra a homofobia escrita por uma estudante, onde declamava: “(...) *ele (o homossexual) tem seu direito, mesmo não agradando o governo. Mas será que é doença ou falta de consciência?*”. O sarau se tornou um ambiente facilitador para que a criatividade inerente a toda pessoa fosse explorada, possibilitando novas relações com o ambiente, facilitando este sujeito a expressar, mais plenamente, ele próprio (ROGERS, 2017).

As músicas de rap cantadas por algumas meninas sobre desigualdade e racismo enfatizam essa percepção do seu contexto, o seu olhar de si e o que acontece ao seu redor pode ser incluído como um dos exemplos das ações criativas dos alunos, assim como as rimas sobre o empoderamento feminino e de orgulho a raça negra, cuja leitura foi aplaudida por todos e ratificada na fala de um que dizia: “*Caraca (sic), fiquei arrepiado*”.

O sarau se mostrou uma ferramenta efetiva, visto que cumpriu com maestria os objetivos traçados para o trabalho que foi o de proporcionar um ambiente de fala e de posicionamento no grupo, onde, na maioria das vezes, era impossibilitado dentro da sala de aula tradicional, caracterizada pelo o que Paulo Freire (1970) irá denominar Educação bancária, onde o aluno é apenas repositório de informação e não há uma educação que permita o aluno a ser ativo, já que o professor será aquele detentor do conhecimento, ocasionando numa não possibilidade de o adolescente se colocar frente ao seu professor, bem como diante de seus pares. Não se colocar frente aos seus pares irá repercutir em seu psiquismo, já que isto é fundamental para ele se constituir de forma saudável, visto que o ajuda na sua construção como sujeito autônomo e o diferencia no meio em que vive (ROGERS & ROSENBERG, 1977), formulando sua identidade. Nesse ponto em específico, é importante reiterar que, pela visão de Rogers, o sujeito se constitui no e com o social.

Como um exemplo dessa necessidade de ambiente de fala e de expressão, citamos aqui o fato de uma das meninas se apresentar mais de uma vez no sarau. Dividindo-se em cantar um *rap* com rimas fortes e de cunho cultural e militante; e de dançar *breakdance* enquanto alguns meninos faziam batida de *beatbox* que, em um

olhar cético, não seriam mais do que uma expressão corporal, no olhar daqueles meninos e meninas eram a expressão de um corpo repleto “pela fala e pela cadeira”.

Durante a intervenção realizada, o que também pôde ser observado foi que, além das apresentações individuais ressaltando as subjetividades dos alunos, foi a presença do apoio dos pares; dentro das palmas, dos elogios e dos abraços; o apoio de suas ideias e de sua visão de mundo. Suárez (2005) dirá que a identidade, na perspectiva eriksoniana, será reformulada gradativamente através do processo de autodefinição do adolescente, que unifica os diversos papéis exercidos, seus sentimentos e seus ideais. Será a criação de uma unidade que será sentida pelo adolescente e vai ser reconhecida pelo social.

Portanto ele aprende que ser ele mesmo é bom e aceitável. Que sua voz faz parte de um conjunto em que os amigos também se sentem contemplados. Que há um potencial dentro dele e que existem pessoas que o abraçam e o aplaudem pelas coisas que ele realiza. Numa visão social e externa ao sujeito, é válido reiterar em como o sistema tenta impedir seu desenvolvimento, de certa forma levando-o a permanecer passivo e preso a uma sala com quatro paredes, mas que há ainda possibilidades de mudar como se portar, mesmo dentro desse ambiente.

O caminho para chegar a uma identidade não se subtrai unicamente ao contexto escolar e nem este tem essa única proposta. Outra proposta desse contexto e da intervenção é também trazer, de algum modo, a aprendizagem que havia na sala de aula para o sarau, já que a aprendizagem, nesta última, tem uma conotação muito restrita, que é a de absorver, assimilar e aplicar o que se conheceu de determinado assunto. Partimos então do que é aprender numa esfera mais ampla, pois não seria aprender sobre a vivência do outro, de como ele pensa e qual o seu posicionamento, uma forma de aprendizado? O sarau, nesse quesito, torna-se um ambiente de aprendizagem de vivências, de vida e de visões: uma aprendizagem significativa.

Aprender significativamente é o que Rogers (2017) compreende por ser aquela que incita uma mudança, tanto no comportamento atual quanto na orientação de uma ação futura do indivíduo. Podemos pensar que o contexto do sarau promove reflexões naqueles que ouvem o que está sendo dito, fazendo também que aprendam sobre a história do outro, levando-os a uma possível mudança de comportamento, de contato e de empatia; e, para aqueles que apresentam, uma nova maneira de se portar no social, já que a maneira comum era restrita à rotina escolar.

Mas para que esse posicionamento do adolescente ocorra é preciso que ele esteja, em certo nível, seguro. Então, sobre a segurança necessária para que o adolescente se posicione no mundo, Rogers trará que esta será baseada numa aceitação por parte do outro, o que ele chama de *aceitação positiva incondicional*, fazendo com que o outro esteja seguro de si mesmo. Esse conceito - trazido por Fadiman & Frager (1986) - pode ser explicado como um momento onde há plena aceitação do que for colocado pelo outro, sem julgamentos ou impedimentos. Aceitar incondicionalmente, para Rogers, é deixar que o sujeito fale; seja pela voz ou seja pelo seu comportamento; e abraçar, de forma simbólica, o seu *ser*. Este comportamento também pode ser entendido pelas expressões do sujeito, do jeito e do modo que ele vive. Dessa forma, as expressões artísticas vinculadas ao cotidiano daquelas crianças dentro do sarau nada mais são do que maneiras de *ser* diferentes postas ao outro, que são aceitas, de forma incondicional, caracterizado pelos vários abraços dados a cada apresentação artística do sarau e a cada salva de palmas dada ao fim de uma dança ou de uma poesia.

Para que tudo isso pudesse acontecer foi necessário um ambiente facilitador: o sarau. Um ambiente facilitador possibilita a criação de um clima para que a tendência ao desenvolvimento, inerente a todo organismo, possa expressar-se livremente em cada pessoa e no grupo de pessoas (MIRANDA & FREIRE, 2012). O sarau tornou-se uma oportunidade para sair de um ambiente engessado, atrás da carteira de estudo, para um ambiente facilitador, onde o estudante pudesse se movimentar, sair de uma esfera passiva e entrar num lugar de ação e de voz, fazendo com que se posicione no mundo e para o mundo. Assim, o sarau oportunizou emergir uma tendência inerente a todo organismo, a Tendência à Auto-Atualização, fazendo com que este sujeito se torne cada vez mais ele próprio (Rogers & Rosenberg, 1977). Considerada como uma *“tendência a expressar e ativar todas as capacidades do organismo na medida em que tal ativação valoriza o organismo”* (FADIMAN & FRAGER, 1986, p.229), pode-se pensar que está ligada com as expressões artísticas dentro do sarau. Estas expressões artísticas estão relacionadas à valorização do *ser*, de forma subjetiva e ativa - dando suporte ao desenvolvimento desse organismo.

Em paralelo a essa tendência e ao ambiente, faz-se muito o uso da criatividade no contexto do sarau. Pois o sarau propõe a possibilidade de se expressar artisticamente, e demanda, de certa forma, daquele que participa uma expressão única,

que detém sua marca e sua criação. Portanto, a criatividade será mais uma ferramenta a ser utilizada nesse processo de construção de si.

O processo criativo será então definido por Rogers (2017, p.406) como sendo algo “*que se trata da emergência na ação de um novo produto relacional que provém da natureza única do indivíduo por um lado, e dos materiais, acontecimentos, pessoas ou circunstâncias da sua vida, por outro*”; isso é caracterizado quando os alunos trazem nas suas produções artísticas as suas vivências sociais como questões sobre o preconceito e a desigualdade; fazendo com que esse produto relacional, que é gerado a partir de uma construção interna, mas que é de conhecimento geral (às vezes também presente em outros adolescentes), se torne produto de si e produtor de novas posturas naquele que escuta. Essas vivências concretizadas por meio de um movimento de ação e de criação enche o adolescente de satisfação, o levando a posição de produtor de algo. “*Eu que fiz algo que agora está aí, para todo mundo ver*”. É o espelhamento daquilo que ‘*eu sou*’ na sociedade. ‘*Minha marca*’. Esse processo será tão inerente ao sujeito a partir dessa fase que, na adultez, pela visão de Erikson (citado por RABELLO & PASSOS, 2008), ainda estará presente quando houver a necessidade de deixar algum tipo de legado ou de impressão que faça o sujeito ser lembrado.

Por fim, juntamente com a criatividade, há a arte que servirá como ferramenta para que o discurso seja expresso. Uma descrição trazida por Lami (2009, p.11) sobre arte, que se encaixa no que foi discutido até aqui, é a de que “*a arte tem papel efetivo na construção do indivíduo por possibilitar o desenvolvimento do olhar capaz de perceber as nuances em tudo o que o cerca, contribuindo para o autoconhecimento, a percepção de si mesmo e do outro para transformar suas relações*”. A arte em conjunto com a educação e com o suporte de uma perspectiva que forneça o crescimento das potencialidades do sujeito, faz com que o processo de criação, manutenção e desenvolvimento da identidade seja fluído ao tempo individual de cada aluno e, portanto, necessário ser compreendido, tanto no contexto educacional quanto no contexto psicológico.

## CONCLUSÃO

O ritmo, a rima, as falas e as músicas dos alunos nos mostraram as diversas formas de se portar no social e que, principalmente, há sempre uma maneira de sair da rotina da 'educação bancária' e promover uma 'educação libertadora' que, conseqüentemente, produz um espaço facilitador para que o sujeito se coloque entre seus pares, produza aquilo que, para ele, é significativo e o torne cada vez mais plenamente ele próprio. O sarau, como estratégia para promover a criatividade e um apoio para construir a identidade do adolescente, não só nos diz da importância de promover a arte no ambiente escolar, mas de dar ouvidos aqueles que, muitas vezes, só ouvem.

## REFERÊNCIAS

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. Semina: Ciências Sociais e Humanas, v. 32, n. 1, p. 25-40, 2011.

CAPELO, Fernanda de Mendonça. Aprendizagem centrada na pessoa: Contributo para a compreensão do modelo educativo proposto por Carl Rogers. Estudos Rogerianos A Pessoa como Centro, n.5, 2000.

EISENSTEIN, Evelyn. Adolescência: definições, conceitos e critérios. Adolescência e Saúde, v. 2, n. 2, p. 6-7, 2005.

ERIKSON, Erik H. Identidade, Juventude e Crise. Editora Guanabara. Rio de Janeiro 2ª Edição, 1987.

FADIMAN, James; FRAGER, R. Carl Rogers e a perspectiva centrada no cliente. J. Fadiman & R. Frager. Teorias da personalidade, p. 222-258, 1986.

FREIRE, Paulo. Educação "bancária" e educação libertadora. In Pedagogia do oprimido. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1970.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. TupyKurumin, 2006.

LAMI, Débora Marongio. Arte e Educação. UNISAL. Lorena, 2009.

MIRANDA, Carmen Sílvia Nunes de; FREIRE, José Célio. A comunicação terapêutica na abordagem centrada na pessoa. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 64, n. 1, p. 78-94, 2012.

PATTO, Maria Helena Souza. Introdução à psicologia escolar. Casa do Psicólogo, 1997.

RABELLO, Elaine; PASSOS, José Silveira. Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento. Consultado em, v. 16, p. 08-13, 2008.

ROGERS, Carl R. Tornar-se pessoa. WWF Martins Fontes, 2017.

ROGERS, Carl Ransom; ROSENBERG, Rachel Lea. A pessoa como centro. EPU, 1977.

SILVA, Fransuelen Geremias et al. Saraus contemporâneos: a importância dos saraus como espaço político de socialização. Cadernos CESPUC de Pesquisa Série Ensaio, n. 29, p. 150-167, 2016.

SUÁREZ, Adolfo Semo. Crise de identidade na adolescência: breve análise e implicações para a práxis religiosa segundo a teoria de Erik Erikson. Acta Científica. Ciências Humanas, v. 2, n. 9, p. 31-38, 2005.

VERISSIMO, Ramiro. Desenvolvimento psicossocial (Erik Erikson). 2002. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/9133/2/13864.pdf> Acesso em 06 abr 2018.